

Maria Zulmira Leal Santos

UM MUNDO NEGRO NA ESCURIDÃO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



UM MUNDO NEGRO NA ESCURIDÃO



© Maria Zulmira Leal Santos

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Santos, Maria Zulmira Leal

Um mundo negro na escuridão / Maria Zulmira Leal Santos. – São Paulo : Recanto das Letras, 2018.

162 p.

ISBN: 978-85-7142-013-7

1. Literatura brasileira 2. Negros - Escravidão - Ficção 3. Negros - Brasil - História - Ficção 4. Negros - África - Usos e costumes - Ficção I. Título

18-2301

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

SUMÁRIO

NOTA DA AUTORA	7
APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO.....	11
SINOPSE	13
DEDICATÓRIA	15
AGRADECIMENTOS.....	17
PARTE I – ÁFRICA.....	19
EXPECTATIVA E INSEGURANÇA	21
SUSTO E A CAPTURA	23
O ENCONTRO	35
FALANDO DOS CAPTURADOS	43
PARTE II – A VIAGEM	45
NO PORÃO DO NAVIO	47
ONDE ESTARÁ.....	49
A FOME E SEDE	51
SOFRIMENTO E MORTE NO PORÃO	53
UMA CRIANÇA NASCE EM MEIO A ESSA CONFUSÃO	55
MAIS CONFORMADOS.....	57
PARTE III – BRASIL.....	59
EM TERRA ESTRANHA	61
APRESENTANDO-SE AO SEU SENHOR	63
RECEBENDO INSTRUÇÕES	65

O PRIMEIRO DIA NA FAZENDA	67
LEMBRANÇAS DA TERRA NATAL	71
O CAÇADOR VIROU CAÇA	79
O ACHADO	81
AS DIFICULDADES	83
A FAZENDA ABANDONADA	85
A HISTÓRIA CONTINUA: O SISTEMA DE TRABALHO	87
O DESEJO DE CONHECER A FAZENDA ABANDONADA	89
CHEGANDO À FAZENDA	91
A PROMESSA E O DEBOCHE DO AMIGO	93
A ASTÚCIA DO FAZENDEIRO	95
USANDO A SABEDORIA	97
A DECISÃO	103
FALANDO SOBRE AS JOIAS	107
FECHANDO NEGÓCIO	113
PAI TOMÉ	125
A CASTRAÇÃO	133
A REVOLTA	135
O TEMPO QUE FICOU FORA	137
A REVANCHE	139
NÃO ENTREGARAM O IRMÃO	145
A TERRA MOLHADA	147
TORQUATO	153
PARTE IV – EPÍLOGO	159

APRESENTAÇÃO

Para falar do negro escravo é preciso ter do seu sangue em suas veias, e quem aqui não o tem, principalmente brasileiros? Nem precisa dizer que a maioria, mesmo que seja branco, tem sangue de negro. Quando as mulheres negras amamentavam os filhos brancos de suas senhoras, era com o sangue em forma de leite que os amamentavam naturalmente. O que é o leite senão o sangue?

Pode alguém pensar que o negro não tem história, certamente por não conhecer sua origem e sua vida de lutas e sofrimento. Existe no mundo quem tenha mais história do que o negro? No Brasil, ou em qualquer lugar do mundo onde existir um negro, há sem dúvida a sua história de alguma maneira. Ele traz sua história desde o nascimento que, por causa da sua cor pode ser tomado como referência num berçário, por exemplo: familiares visitando uma mãe na maternidade quer ver a criança que está no berçário e está próxima de uma criança negra, então é dito “é aquele ali, perto daquela ‘criança negra’”. Num parquinho: “ele está ali, brincando com aquele negrinho”, é comum ouvir isso. É como se a sua cor fosse o seu nome. Não importa se é rico ou não ele traz sua história desde o ventre.

O racismo não foi abolido e, se não fosse o esforço de nossos concidadãos, que trouxeram ao conhecimento da geração presente a importante colaboração do negro para a cons-

trução deste país, jamais saberíamos quem fomos, a fim de sermos o que somos hoje. Seríamos simplesmente Negros. Graças a esse reconhecimento o negro é integrado à sociedade. O racismo continua, mesmo que mude de nome como 'pessoa de cor', 'parda', 'mulato', 'afrodescendente', etc. Não existem outras cores senão preto e branco. Mesmo que as cores se misturem as características do Negro predominam. A história do Negro não está dissociada da história do Brasil e não será por gerações; por isso, é importante que o Negro assuma a sua negritude naturalmente, assim como o branco assume a sua brancura naturalmente.

Quem cria o preconceito é o próprio negro, principalmente por não reconhecer o seu valor e, ignorando a si mesmo, deixar-se levar pelo complexo de inferioridade quando, na verdade, não existe inferior nem superior, o que existe é o cidadão mais rico e instruído e o cidadão menos rico e menos instruído, quer seja negro ou branco, e às vezes sofrem, porque desconhecem o seu valor como integrantes da sociedade.

PREFÁCIO

Ao ler este livro, que conta parte da História, ele o fará lembrar do que essas pessoas passaram para que o país se estabelecesse como Nação. Não foram apenas dias, mas séculos. Senhores que, ao morrerem, deixavam seus poderes nas mãos de outros, os quais continuavam com a mesma crueldade ou ainda maior, não tendo respeito pela vida dos escravos, que eram tidos como peças e não como pessoas.

Eles foram tirados de sua terra natal à força, levados de onde estivessem, de suas roças, de suas casas ou da rua, amarrados, açoitados, sofrendo fome, sede, frio e todo tipo de desconforto e de sofrimento, dentro de um navio por tempo ignorado por eles. Deles corre, em nossas veias, o sangue, pois somos seus descendentes.

Você, que abriu as páginas deste livro, certamente pouco sabe sobre as personagens desta história, mas talvez por curiosidade deseje lê-lo até o fim e, dessa forma, com o coração pulsante de emoção pela dor que eles sofreram, será como estar libertando-os agora da prisão das letras para abraçá-los com gratidão.

Aqueles que foram explorados ao máximo, suas forças esgotaram-se, esvaindo-se, ora em sangue, ora em suor ou mesmo pela fome; por alimentarem-se escassamente, morriam tal qual uma vela que se queima até a extinção total, derramando

sua cera derretida pelo calor que ao esfriar solidifica-se; assim era o sangue do negro que derramava abundantemente sobre esta terra, solidificando como alicerce para calçamento deste país, tornando-o sólido, resistente e soberano.

Pela força de seus braços e até pelas suas vidas, temos a oportunidade de viver como vivemos hoje. Seu sangue, o suor e a carnes foram dados para o erguimento das cidades onde vivemos e das ruas que nossos pés pisam, com sem nenhuma cerimônia e, assim, usufruímos de todo conforto.

SINOPSE

Várias histórias podem ter acontecido no período que antecede a vinda desta família... para o Brasil. Porém este livro retrata a história real da família: como era o dia a dia na África e os sofrimentos a partir do momento em que o homem branco chega em seus cavalos, a fim de acorrentá-los e açoitá-los. A partir daí a vida torna-se escura, nos porões das Naus que os trouxeram a terras desconhecidas para o trabalho forçado e escravo. Além disso, o que mais doía era a saudade dos que ficaram distantes. A sensação era comparada com o tamanho do oceano que os distanciava da sua terra natal.

Marcio Rogerio Cassimiro Barbosa

Professor de História

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra aos meus Antepassados, meus pais, meus filhos, netos e bisnetos, e a todos que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a realizá-la.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da Vida.

Agradeço a Cássia Oliveira, editora-chefe da Editora Recanto das Letras.

Agradeço a Lucia Armenio Leal, revisora dedicada.

PARTE I – ÁFRICA



EXPECTATIVA E INSEGURANÇA

Os dias passavam cheios de expectativas e de temor para todos os que moravam em Aldeia Grande, pois sabiam que a próxima a ser atacada poderia ser ela; mas não desanimaram, continuaram a cuidar de suas roças. Havia ainda uma nesga de terra com plantio novo na roça de seu Augusto, que eles deixaram para depois do Natal e foram cada um para sua casa, descansar e fazer os preparativos para a noite de Natal. Os jovens divertiam-se com suas cantigas de roda, alegrando a todos com seus versos rimados e riam; por fim todos participavam daquela brincadeira. Os homens gostavam de dançar capoeira ao som das palmas das mulheres. O Déco-Lima-Nova, com seus quase dois metros de altura, era exímio lutador de capoeira; a um cavaleiro, em cima de cavalo bem alto, ele era capaz de derrubá-lo com um golpe de ponta de pé no pescoço.

Os dias corriam sem nenhuma novidade. Seu Augusto então convidou todos para irem com ele ao plantio novo, que havia ficado no mato ainda pequeno mas que, agora, por causa da muita chuva, o mato já havia crescido e a limpa poderia ser feita ainda antes do Ano Novo. Reuniram-se todos, até as mulheres, e foram para a roça a fim de terminarem tudo naquele mesmo dia pois, não era tão grande. Só Dona Filomena, mulher de seu Augusto, ficou em casa com o Pedro fazendo o almoço para todos, como de costume. Pronto o almoço, o Jair veio para

ajudar Dona Filomena e o Pedro a levarem o alimento, a fim de que todos almoçassem lá mesmo, aproveitassem melhor o tempo e terminassem mais cedo. Após todos almoçarem, Dona Filomena também ficou para ajudar. Na virada do meio-dia o sol ardia, tostando as folhas já cortadas pelas lâminas afiadas das enxadas. Pedrinho teve sede e não queria tomar daquela água já quente, desceu ao riacho para tomar água fresca e trazer para os outros. Quando desceu a pequena ladeira que fazia chegar ao riacho, ouviu um barulho como se fossem pisadas de cavalos e pensou: “Pisadas de cavalos? Não há cavalos aqui, principalmente dentro da roça”. O mato da beira do rio não o deixou ver o que era; desceu, sentou-se à beira da água, encheu suas mãos e bebeu uns goles daquela água corrente fresquinha, desatou a caneca que estava presa por uma corda no pescoço da cabaça que levava para trazer água fresca para os demais, (cabaça, espécie de vasilhame muito usada para carregar e manter a água fresca por mais tempo). Ia enchendo a cabaça quando ouviu novamente o mesmo barulho de antes. Saiu curioso para ver, pois não podia haver cavalos ali. Como era que... Pedrinho ficou estático, com o coração aos pulos, não sabia de onde vinha aquele barulho. O capim da beira do rio não o deixava ver o que estava acontecendo, até que o cavalo soprou fazendo enorme barulho.

Várias histórias podem ter acontecido no período que antecede a vinda desta família... para o Brasil. Porém este livro retrata a história real da família... como era o dia a dia na África e os sofrimentos a partir do momento em que o homem branco chega em seus cavalos para acorrentá-los e açoitá-los. A partir daí a vida torna-se escura, nos porões das Naus que os trouxeram a terras desconhecidas para o trabalho forçado e escravo. Além disso, o que mais doía era a saudade dos que ficaram distantes. A sensação era comparada com o tamanho do oceano que os distanciava da sua terra natal.

Marcio Rogerio Cassimiro Barbosa

Professor de História

